

AS
REVOLTAS
MODERNISTAS
NA
LITERATURA

OTTO
MARIA
CARPEAUX

COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2021

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**

Coordenação editorial **CARLA SACRATO**

Preparação **BARBARA PARENTE**

Revisão **THAÍS ENTRIEL E LUCIANE H. GOMIDE**

Capa e diagramação **OSMANE GARCIA FILHO**

Ilustração de capa **PLASTEED | SHUTTERSTOCK**

Imagens internas **PLASTEED, CASSETTE BLEUE | SHUTTERSTOCK
E DOMÍNIO PÚBLICO**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua C.R.B.-8/7057

Carpeaux, Otto Maria

As revoltas modernistas na literatura / Otto Maria Carpeaux. —
São Paulo : Faro Editorial, 2021.
272 p.

ISBN 978-65-5957-081-2

1. Modernismo (Literatura) I. Título

21-3925

CDD 808.80112

Índice para catálogo sistemático:

1. Modernismo (Literatura)



1ª edição brasileira: 2021

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por FARO EDITORIAL.

Avenida Andrômeda, 885 — Sala 310

Alphaville — Barueri — SP — Brasil

CEP: 06473-000

www.faroeditorial.com.br

OTTO MARIA CARPEAUX

José Almeida Júnior

Vida e obra

Filho de pai judeu e mãe católica, Otto Karpfen nasceu em 9 de março de 1900 na cidade de Viena. Ingressou na faculdade de direito, por influência do pai, mas abandonou o curso. Acabou se formando em física. Em 1925, concluiu o curso de filosofia e letras. Em seguida, tornou-se doutor em matemática, física e química pela Universidade de Viena. Com uma formação eclética, começou a trabalhar como jornalista.

Otto era um crítico do nazismo nos jornais em que trabalhava. Depois da anexação da Áustria pela Alemanha, em 1938, exilou-se em Antuérpia, onde passou a trabalhar nos principais jornais da Bélgica. Com receio da invasão nazista, refugiou-se no Brasil em 1939 com a sua esposa Helena.

No Brasil, passou a usar o nome Otto Maria Carpeaux. Com a ajuda do crítico literário Álvaro Lins, começou a escrever no *Correio da Manhã*. Os primeiros textos foram escritos em francês e posteriormente traduzidos. Logo se familiarizou com a língua portuguesa e entrou no círculo intelectual do Rio de Janeiro.

A convite de San Tiago Dantas, em 1942, foi nomeado diretor da biblioteca da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil. No mesmo ano, publicou o seu primeiro livro de ensaios em língua portuguesa: *A cinza do purgatório*. Em 1944, conseguiu se naturalizar brasileiro e assumiu a direção da biblioteca da Fundação Getúlio Vargas.

Depois de escrever um texto crítico a respeito da obra de Romain Rolland, Prêmio Nobel de Literatura de 1915, passou a sofrer ataques de intelectuais como Jorge Amado, Dalcídio Jurandir e Carlos Lacerda. Georges Bernanos chegou a levantar a hipótese de que Carpeaux teria mantido relações com o fascismo. A essa acusação, o crítico austríaco respondeu em texto publicado em *O Jornal*:

Quanto à firmeza da minha oposição ao fascismo austríaco, como a qualquer outro fascismo, passei por todas as provas, na Áustria, na Bélgica, no próprio Brasil. Afinal, não me mudei para cá como fazendeiro improvisado; cheguei, perseguido e exilado.

Carpeaux, em troca de carta com Carlos Drummond de Andrade, queixou-se da campanha difamatória que ameaçava a sua existência literária. O crítico se sentia ofendido e humilhado. Também agradeceu o apoio do escritor mineiro: “Foram as primeiras e únicas palavras de amizade que recebi.”

As rugas de Carpeaux com Jorge Amado se estenderam até os anos 1950. Como noticiou o jornal *O Globo* de 10 de outubro de 1959, os dois chegaram às vias de fato, após o autor de *Gabriela* cumprimentar todos os presentes em um almoço e ignorar Carpeaux:

Pugilato no reencontro entre Jorge Amado e Otto Maria Carpeaux
Os escritores Jorge Amado e Otto Maria Carpeaux, inimigos de 15 anos, foram às vias de fato, ontem, após acalorada discussão, à saída do *Correio da Manhã*, onde haviam participado de um almoço em homenagem ao escritor luso Ferreira de Castro.

Como redator do *Correio da Manhã*, Carpeaux foi um dos responsáveis pelo editorial *Basta!*, de 31 de março de 1964, às vésperas do Golpe Militar. O editorial teve relevante impacto na destituição do presidente João Goulart:

Basta!

Até que ponto, o Presidente da República abusará da paciência da Nação? Até que ponto pretende tomar para si, por meio de decretos, leis, a função do poder legislativo? (...)

O Brasil já sofreu demasiado com o governo atual, agora basta!

No dia 1º de abril de 1964, com os tanques das Forças Armadas ocupando as ruas do Rio de Janeiro, o *Correio da Manhã* publicou mais um duro editorial exigindo a deposição de João Goulart:

Fora!

A Nação não mais suporta a permanência do Sr. João Goulart à frente do governo. Chegou ao limite final a capacidade de tolerá-lo por mais tempo. Não resta outra saída ao Sr. João Goulart que não a de entregar o governo ao seu legítimo sucessor. Só há uma coisa a dizer ao Sr. João Goulart: Saia!

Assim como Carlos Heitor Cony, que escrevia para o mesmo jornal, Carpeaux se tornou um crítico da Ditadura Militar logo após o Golpe. Em texto publicado no dia 18 de setembro de 1964 no *Correio da Manhã*, Carpeaux fez um paralelo da situação dos estudantes do Brasil do período e os da Alemanha nazista:

Quer-se impedir que os estudantes hoje e os intelectuais amanhã assumam o seu papel natural de líderes do povo. O golpe golpeou o povo inteiro. E em seguida foi golpeado e arruinado o próprio País; e os próprios golpistas serão os primeiros a sentir o destino amargo que prepararam.

Os textos de Carpeaux publicados no *Correio da Manhã* entre abril e outubro de 1964 foram inseridos no livro *O Brasil no espelho do mundo*. A leitura dos artigos permite conhecer a reação imediata do crítico ao regime recém-instalado. De outubro de 1964 a junho de 1965, Carpeaux publicou uma série de artigos sobre a América Latina, que seriam reunidos no livro *A batalha da América Latina*.

Em razão das suas posições políticas, Otto Maria Carpeaux respondeu a inquérito policial militar e teve que se afastar do *Correio da Manhã*.

Em 1967, foi acusado de violação à Lei de Segurança Nacional por ter chamado o FMI de “FMI: fome e miséria internacionais”.

Depois que deixou o jornal, começou a trabalhar com Antônio Houaiss nas enciclopédias Delta Larousse e Mirador. Também se tornou colaborador da Civilização Brasileira e se aproximou de intelectuais que se opunham aos militares, como Florestan Fernandes e Leandro Konder.

Em 1968, Carpeaux publicou pela editora Civilização Brasileira uma antologia de ensaios chamada *Vinte e cinco anos de literatura*. Dedicou o livro a Carlos Heitor Cony, Antônio Houaiss, Ênio Silveira e Mário da Silva Brito. A nota de abertura dos ensaios demonstra o pessimismo de Carpeaux com o momento político por que o Brasil passava:

Fiz uma seleção rigorosa: só escolhi trabalhos que, por este ou aquele motivo, ainda hoje possam inspirar interesse ao círculo de amigos da literatura.

Mas já não me incluo nesse círculo. Considero encerrado o ciclo. Minha cabeça e meu coração estão em outra parte. O que me resta, de capacidade de trabalho, pertence ao Brasil e à luta pela libertação do povo brasileiro.

Ainda que acometido pelo pessimismo, o crítico publicou em 1971 o livro *Hemingway: tempo, vida e obra*. Otto Maria Carpeaux morreu de infarto em 3 de fevereiro de 1978 na cidade do Rio de Janeiro.

As revoltas modernistas

Entre janeiro de 1942 e novembro de 1945, Otto Maria Carpeaux escreveu o seu trabalho mais ambicioso: *História da literatura ocidental*. As mais de quatro mil páginas foram datilografadas por sua esposa Helena. Inicialmente a coleção seria publicada pela Casa do Estudante do Brasil, órgão integrante da estrutura administrativa do Ministério da Educação, mas, por falta de verba, o projeto não foi adiante.

O livro começou a ser publicado pelas Edições *O Cruzeiro* em 1959. A coleção foi publicada em sete volumes até o ano de 1966. *História da literatura ocidental* se inicia com a literatura grega e romana,

passa pela ascensão do cristianismo, Idade Média, Renascença, Barroco, Romantismo, Realismo, Naturalismo, Simbolismo, Modernismo e tendências contemporâneas.

Para entender a Semana de Arte Moderna de 1922, que aconteceu em São Paulo, é necessário conhecer os movimentos modernistas que eclodiram no início do século XX na Europa, nos Estados Unidos e na América Latina. Por isso, a Faro Editorial publica em volume separado *As revoltas modernistas*, de Otto Maria Carpeaux. O texto está inserido no penúltimo capítulo de *História da literatura ocidental*.

Carpeaux reúne no livro um conhecimento enciclopédico a respeito das escolas de vanguarda. Diversos autores citados pelo crítico austríaco são pouco conhecidos no Brasil, alguns sequer tem tradução para o português. Porém, Carpeaux contextualiza historicamente vida e obra dos escritores e os insere nos movimentos modernistas no respectivo país de origem.

A nova literatura, também chamada de modernismo, começa a surgir antes da Primeira Guerra Mundial, entre 1905 e 1910, no círculo da boemia de cidades como Paris, Berlim, Florença e Nova York. Segundo Carpeaux, trata-se de uma literatura relativamente autônoma, pois era independente da realidade social. A própria função do modernismo na história literária consistiria no seu afastamento da realidade.

O texto não se restringe à análise do campo da literatura, abordando as outras artes e como elas se refletem na literatura. Carpeaux estuda os trabalhos de pintores como Pablo Picasso, Munch e Van Gogh. O teatro de vanguarda também está presente na obra.

Carpeaux foi um dos primeiros críticos em língua portuguesa a escrever sobre Franz Kafka. O texto “Franz Kafka e o mundo invisível” foi publicado em 1942 no livro *A cinza do purgatório*. Em *As revoltas modernistas*, o crítico identifica na obra kafkiana elementos do chamado realismo mágico, como resultado da decomposição do realismo-naturalismo por motivos alheios, provenientes do simbolismo ou do próprio modernismo.

Além de Kafka, Carpeaux aborda autores como Hermann Hesse, André Gide, Virginia Woolf, James Joyce, Marinetti e Fernando Pessoa. O leitor terá acesso a um panorama sobre a vida e a obra de escritores que marcaram os movimentos modernistas.

A respeito do modernismo no Brasil, Carpeaux defende que o movimento surgiu em circunstâncias mais desfavoráveis do que em outros países, pois não lhe precedeu nenhum movimento pré-simbolista ou

simbolista, mas apenas um parnasianismo acadêmico sem raízes na cultura brasileira. Os modernistas no Brasil estavam diante de duas tarefas diferentes: criar uma poesia e uma arte genuinamente nacionais, e empregar, para tanto, os recursos das vanguardas europeias. Para Carpeaux, o modernismo brasileiro deparou com o problema da língua. A imigração e a colonização exigiam uma nova língua nacional.

As revoltas modernistas fornece uma visão geral do que foram os movimentos artísticos e vanguarda do início século XX, oportunizando ao leitor conhecer os autores e as suas obras. O texto também possibilita a compreensão da Semana de Arte Moderna de 1922 e a contextualização com as escolas de arte moderna da Europa, dos Estados Unidos e da América Latina.

Obras publicadas no Brasil:

A cinza do purgatório (1942);
Origens e fins (1943);
Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira (1951);
Respostas e perguntas (1953);
Retratos e leituras (1953);
Presenças (1958);
Uma nova história da música (1958);
História da Literatura Ocidental (1959-1966);
Livros na mesa (1960);
A literatura alemã (1964);
A batalha da América Latina (1965);
O Brasil no espelho do mundo (1965);
Vinte e cinco anos de literatura (1968);
Hemingway: tempo, vida e obra (1971);
Reflexo e realidade: ensaios (1978);
Alceu Amoroso Lima (1978).

JOSÉ ALMEIDA JÚNIOR é escritor e defensor público. Autor de *O Homem que Odiava Machado de Assis*, publicado pela Faro Editorial, e *Última Hora*, romance vencedor do Prêmio Sesc de Literatura e finalista dos Prêmios Jabuti e São Paulo de Literatura.

MÁRIO
DE
ANDRADE

E A SEMANA
DE ARTE MODERNA

SEMANA DE ARTE MODERNA DE 1922

Por José Almeida Júnior

Antecedentes

O modernismo não surgiu na Semana de Arte Moderna de 1922. Alguns artistas já tinham apresentado manifestações das escolas vanguardistas europeias antes. Oswald de Andrade escrevia sobre as ideias modernizantes em *O Pirralho*. Poetas como Olavo Bilac e Raimundo Correia foram satirizados na revista. Manuel Bandeira havia publicado em 1919 o livro de poesia *Carnaval*, contendo, inclusive, o poema “Os sapos”, com estética moderna e crítica ao parnasianismo.

A Exposição de Pintura Moderna Anita Malfatti, realizada em dezembro de 1917 em um salão pertencente ao conde de Lara, foi um marco para o modernismo. Foi a primeira vez que o termo “moderno” foi utilizado em um evento de arte no Brasil. Depois de estudar na Alemanha e nos Estados Unidos, Malfatti tinha retornado ao Brasil com influência da escola expressionista. A exposição de 1917 recebeu autoridades e artistas de São Paulo. Foram expostas 53 obras da pintora, dentre elas *O homem amarelo* e *Ventania*, que estariam na Semana de 1922.

A exposição sofreu críticas de Monteiro Lobato em texto publicado no jornal *O Estado de S. Paulo*. O autor de *Urupês* chamou a obra de Anita de arte caricatural. Lobato era adepto da arte naturalista e cultuava artistas como o pintor Almeida Júnior.

Anita Malfatti conheceu Mário de Andrade na exposição, que se apresentou como o poeta Mário Sobral, pseudônimo utilizado no seu livro de estreia: *Há uma gota de sangue em cada poema*. Mário presenteou a artista com um poema inspirado na tela *O homem amarelo*. Também compareceram ao evento Oswald de Andrade, Di Cavalcanti, Guilherme de Almeida e Tarsila do Amaral.

O Rio de Janeiro era uma capital cosmopolita, recebia pessoas do mundo inteiro, tinha a população duas vezes maior do que a de São Paulo, sediava a estrutura administrativa do país. Mesmo assim, a cidade não foi o berço do modernismo. Existem algumas hipóteses para isso. No início dos anos 1920, o Rio se ocupava com as comemorações do centenário da Independência do Brasil, com a grandiosa Exposição Internacional. Além do mais, a cidade sediava instituições que representavam o pensamento tradicional nas artes, como a Escola Nacional de Belas-Artes e a Academia Brasileira de Letras.

Por outro lado, São Paulo reunia uma turma de jovens artistas, sem compromisso com o cânone, ciosa por romper com a estética “passadista”. A economia cafeeira e a crescente industrialização contribuíram para a formação de uma aristocracia paulista capaz de financiar as atividades artísticas.

Segundo Mário de Andrade, o grande responsável pela Semana de 1922 foi Paulo Prado. Fazendeiro, empresário e mecenas, Prado ficou encarregado de reunir a aristocracia paulista no Automóvel Clube para financiar o evento sobre arte moderna. Os patrocinadores se filiavam às artes “passadistas”, um deles era o advogado Alfredo Pujol. Pujol tinha ficado conhecido no meio literário depois das conferências sobre a vida e a obra de Machado de Assis, sendo eleito membro da Academia Brasileira de Letras em 1917.

Mesmo não tendo nenhuma obra ligada ao modernismo, Graça Aranha foi indicado por Paulo Prado como líder do movimento. Membro fundador da ABL em 1897, embora não houvesse publicado um único livro à época, o autor de *Canaã* conferia ao evento o seu prestígio e a

possibilidade de divulgação nacional, com a integração de artistas do Rio de Janeiro.

A Semana de Arte Moderna foi organizada em pouco mais de um mês. Di Cavalcanti ficou encarregado de desenhar o material de divulgação. Mário de Andrade, Di e Oswald foram responsáveis pela programação da Semana de 1922.

Às vésperas do evento, Oswald de Andrade publicou uma série de textos polêmicos, criticando artistas clássicos no *Jornal do Commercio*: “Carlos Gomes é horrível. Todos nós o sentimos desde pequeninos. Mas como se trata de uma glória da família, engolimos a cantarolice toda do *Guarani* e do *Schiavo*, inexpressiva, postiça, nefanda.” Como substituto de Carlos Gomes, Oswald propunha Villa-Lobos: “Felizmente nós temos hoje a imprevisada genialidade de Heitor Villa-Lobos.”

Os textos publicados nos jornais paulistas ajudaram a divulgar o evento. *A Gazeta* anunciou o evento como Semana Futurista, em referência à escola de arte do italiano Felippo Tommaso Marinetti. Oswald de Andrade e Menotti Del Picchia costumavam se referir ao movimento da mesma forma. Mário rejeitava a denominação, preferia não se filiar a escola alguma: “Não sou futurista (de Marinetti). Disse e repito-o. Tenho pontos de contato com o futurismo. Oswald de Andrade, chamando-me de futurista, errou” (Prefácio de *Pauliceia desvairada*).

A Semana

A Semana de Arte Moderna aconteceria no Theatro Municipal, um local ligado à aristocracia paulista tradicional, nos dias 13, 15 e 17 de fevereiro de 1922: segunda, quarta e sexta. A primeira noite se dedicaria à pintura e à escultura, a segunda à literatura e a terceira à música.

No dia da abertura, o Theatro Municipal ficou cheio. O governador Washington Luís e o prefeito Firmino Pinto acompanhavam no camarote o ministro da Tchecoslováquia Jan Havlasa, que naquele período estava em viagem oficial na cidade de São Paulo. Na plateia, havia estudantes, jornalistas, fazendeiros, industriais, comerciantes.

Graça Aranha abriu o evento com a conferência “A emoção estética na arte moderna”. O texto propunha um rompimento com o passado e pregava a liberdade do artista:

A remodelação estética do Brasil iniciada na música de Villa-Lobos, na escultura de Brecheret, na pintura de Di Cavalcanti, Anita Malfatti, Vicente do Rego Monteiro, Zina Aita, e na jovem e ousada poesia, será a libertação da arte dos perigos que a ameaçam do inoportuno arcadismo, do academismo e do provincialismo.

Heitor Villa-Lobos se apresentou de casaca, sapato em um pé e chinelo no outro. Alguns achavam que se tratava de uma irreverência modernista. Depois Villa-Lobos revelou que o seu problema de gota havia impossibilitado que ele usasse um calçado condizente com a ocasião.

No segundo dia, dedicado à literatura, Menotti del Picchia deu início aos trabalhos com uma conferência. Primeiramente, rebateu críticas dizendo que o grupo vanguardista era ordeiro e pacífico. Negou que pertencessem ao futurismo de Marinetti, recusando vinculação com qualquer escola. O que unia os modernistas era a ideia geral de libertação:

Queremos libertar a poesia do presídio canoro das fórmulas acadêmicas... Queremos exprimir nossa mais livre espontaneidade dentro da mais espontânea liberdade... Nada de postiço, meloso, artificial, arrevesado, precioso: queremos escrever com sangue — que é humanidade —, com eletricidade — que é movimento, expressão dinâmica do século —, violência — que é energia bandeirante. Assim nascerá uma Arte genuinamente brasileira, filha do céu e da terra, do Homem e do mistério.

Menotti Del Picchia apresentou Mário de Andrade como o maior poeta de São Paulo. Entre vaias e aplausos, um Mário de Andrade nervoso recitou os poemas “Inspiração”, uma grande homenagem à cidade de São Paulo do ainda inédito *Pauliceia desvairada*:

São Paulo! comoção de minha vida...
Os meus amores são flores feitas de original!...

Arlequinal!... Traje de losangos... Cinza e ouro...
Luz e bruma... Forno e inverno morno...
Elegâncias sutis sem escândalos, sem ciúmes...
Perfumes de Paris... Arys!
Bofetadas líricas no Trianon... Algodão!...

São Paulo! comoção de minha vida...
Galicismo a berrar nos desertos da América!

A plateia gritou e vaiou quando Oswald de Andrade iniciou a sua conferência. Ele havia publicado textos provocativos na imprensa nos dias anteriores à Semana. Pessoas que estiveram presentes chegaram a dizer que as vaias eram combinadas para dar projeção ao evento. Oswald leu textos de *Os condenados*, romance inédito.

Manuel Bandeira não compareceu à Semana de 1922. No entanto, Ronald de Carvalho declamou “Os sapos”. O poema se tornaria um dos símbolos da Semana de 1922, pela irreverência e crítica aos parnasianos:

Em ronco que aterra,
Berra o sapo-boi:
— “Meu pai foi à guerra!”
— “Não foi!” - “Foi!” - “Não foi!”.

O sapo-tanoeiro,
Parnasiano aguado,
Diz: - “Meu cancionero
É bem martelado”.

Nas escadarias do saguão do Theatro Municipal, Mário de Andrade leu trechos do que se tornaria o seu livro de ensaios *A escrava que não é Isaura*, publicado três anos depois. Na obra, Mário lançava ideias a respeito do pensamento modernista nas artes.

Heitor Villa-Lobos se apresentou nos três dias da Semana de Arte Moderna, sendo que a terceira noite foi dedicada exclusivamente à música. O músico chegou a tocar vinte peças, entre solos, trios, quartetos e sonatas.

Anita Malfatti expôs doze pinturas na entrada do Theatro Municipal, entre elas *O homem amarelo*, *A onda* e *A ventania*. Di Cavalcanti também disponibilizou as obras *Ao pé da cruz* e *Retrato*. Victor Brecheret estava em Paris, mas esculturas de sua autoria ficaram em exposição, como *Cabeça de Cristo*, que Mário de Andrade já havia comprado.

Reverberações da Semana de 1922

A Semana de Arte Moderna sofreu críticas nos jornais. Com o autor assinando apenas como Cândido, *A Gazeta* publicou uma série de artigos reprovando o que chamava de Semana Futurista. Publicado no *Jornal do Commercio* no dia 18 de fevereiro de 1922, o texto anônimo intitulado “Enterro de vivos” trata do evento com sarcasmo: “A Semana de Arte Moderna está para acabar. É uma pena! Porque, com franqueza, se, do ponto de vista artístico, aquilo representa o definitivo fracasso da escola futurista, como divertimento foi insuperável.”

Lima Barreto publicou na revista *A Careta*, em 22 de julho de 1922, um texto combatendo o futurismo dos modernistas:

São Paulo tem a virtude de descobrir o mel do pão em ninho de coruja. De quando em quando, ele nos manda umas novidades velhas de quarenta anos. Agora por intermédio do meu simpático amigo Sérgio Buarque de Holanda, quer nos impingir como descoberta dele, São Paulo, o tal de “futurismo”.

Perguntado sobre a impressão que lhe ficou do modernismo em entrevista publicada na *Revista do Globo* no ano de 1948, Graciliano Ramos respondeu que foi muito ruim: “Sempre achei aquilo uma tapeação desonesta. Salvo raríssimas exceções, os modernistas brasileiros eram uns cabotinos. Enquanto outros procuravam estudar alguma coisa, ver, sentir, eles importavam Marinetti.”

Após a Semana de 1922, Mário de Andrade, Oswald, Guilherme de Almeida e outros apoiadores, fundaram a *Klaxon*, nome de uma buzina de automóvel, para reverberar as ideias do movimento. Sérgio Buarque de Holanda representou a revista no Rio de Janeiro.

Em junho de 1922, a pintora Tarsila do Amaral, que tinha acabado de retornar da Europa, juntou-se aos modernistas. Ela, Anita Malfatti, Mário, Oswald e Menotti Del Picchia formaram o chamado *Grupo dos Cinco*. Ainda casada, Tarsila começou a se envolver com Oswald. O grupo conviveu intensamente por seis meses. Em dezembro de 1922, Tarsila retornou para Europa. Oswald viajou em seguida para acompanhá-la. Em agosto de 1923, foi a vez de Malfatti embarcar para Paris.

Mário de Andrade nunca deixou o Brasil. Depois que Oswald publicou o texto “Miss Macunaíma” na *Revista de Antropofagia*, com insinuações a respeito da sexualidade do autor de *Pauliceia*, Mário rompeu definitivamente com o amigo.

A Semana de Arte Moderna de 1922 representou um relevante movimento no meio cultural brasileiro. Visando romper com o passado, trouxe ideias inovadora para todos os campos das artes. Nas artes plásticas, suplantou o naturalismo das obras que tentavam espelhar o real. Na literatura, aproximou a linguagem escrita da língua falada nas ruas, afastando-se do português castiço dos parnasianos.

Depois de quase cem anos, os efeitos da Semana de 1922 refletem no país até os dias atuais: em discussões como o uso da linguagem que foge ao padrão da norma culta no texto literário; a absorção de movimentos culturais do exterior no Brasil; a necessidade de formação de um patrimônio cultural genuinamente brasileiro. O ano de 1922 representou uma capacidade de transgressão que precisa ser constantemente renovada.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br

CAMPANHA



Há um grande número de portadores do vírus HIV e de hepatite que não se trata. Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro.
FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!



ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM OUTUBRO DE 2021